

**ÁREA e SUB-ÁREA:** ARTES E HUMANIDADES / ENSINO-APRENDIZAGEM

## **ESCOLA E HISTÓRIAS INFANTIS AFRO**

Márcia Aparecida de Souza<sup>1</sup>;

<sup>2</sup>Professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro; email: [marciaapingles@gmail.com](mailto:marciaapingles@gmail.com)

### **RESUMO**

Esta comunicação tem como propósito discutir o tema da construção de identidade da criança negra, por meio de um cuidadoso olhar para as literaturas infantis que permeiam o dia a dia da escola. Atuais histórias infantis, diferente do que acontecia em um passado bem próximo, têm explorado a estética negra de forma afirmativa apresentando narrativas com personagens/protagonistas negros e negras, o que favorece a auto identificação positiva dos alunos negros principalmente da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Algumas obras literárias infantis lançadas mais recentemente, se bem exploradas em sala de aula, podem contribuir para reverter o quadro negativo que por vezes é apresentado em relação identidade negra. Essa forma negativa como os negros são apresentados nos livros influencia a convivência social, as relações que se estabelecem no cotidiano escolar e a formação do cidadão. Situações de discriminação e imagens estereotípias diretamente relacionadas às características dos negros influenciam as subjetividades e afetam muito as crianças negras. Esse estudo reflete sobre essas questões e observa a possibilidade de a escola contribuir de maneira efetiva através de apropriada literatura infantil para a formação da identidade das crianças negras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias infantis afro, escola, identidade.

### **INTRODUÇÃO**

Tem sido produzida, nos últimos anos, uma série de livros de literatura infantil que retratam a história e cultura da África e que apresentam de maneira afirmativa a estética negra. Esta comunicação traça uma reflexão sobre como esses livros de literatura infantil, que mostram a face positiva da estética negra e da história e cultura africana e afrodescendente, podem favorecer a autoidentificação positiva dos alunos negros da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Impulsionados pelas atuais legislações afirmativas, diversos contos africanos e outras narrativas foram publicados e seus enredos destacam imagens positivas de crianças negras, a rica cultura africana, o protagonismo negro, as princesas negras e a beleza africana. Explorados desde a educação infantil, esses livros podem contribuir para amenizar a marginalização social, as desigualdades e o racismo que a população negra sofre.

Esses livros são importantes porque a escola precisa de meios para trazer para a sala de aula os conhecimentos sobre o Continente Africano e apresentar para os alunos a importância que de fato os negros tiveram na construção do Brasil.

Tradicionalmente, muito pouco se discute nas escolas da Educação Básica sobre a África. A história que vem sendo ensinada nas escolas prioriza um conteúdo eurocêntrico e o continente Africano vem sendo esquecido. Os livros de história enfatizam estudos relacionados a Grécia, Roma e Mesopotâmia. A historicidade da população negra, quando é apresentada, é carregada de imagens

negativas. Os discentes entram e saem das escolas sem conhecer a importância daquele continente para/na formação do Brasil, continente que tem íntima relação com o Brasil.

Se perguntarmos aos professores o que sabem, o que se lembram de terem estudado sobre a África, excetuando os estudiosos de História, certamente as respostas serão de lembranças de um povo pobre, sofrido, doente, escravo. Talvez alguns se lembrem de animais que vivem nas florestas africanas, mas isso não resume e define um continente. A África está associada aos estereótipos criados sobre aquele continente, “a imagem do africano na nossa sociedade é a do selvagem acorrentado à miséria. Imagem construída pela insistência e persistência das representações africanas como a terra dos macacos, dos leões, dos homens nus e dos escravos” (CUNHA JR, 1997, p. 58).

É claro que é relevante a participação do povo europeu na formação do Brasil. Mas onde está o espaço reservado ao estudo do povo africano que tanto contribuiu para a formação do país? A forma tradicional de se falar dos africanos e afrodescendentes é associando-os à força de trabalho.

Para alterar essa realidade, seria necessário “desenvolver condições para uma abordagem da história da África no mesmo nível de profundidade com que se estuda a história europeia e suas influências sobre o continente americano”. Ensinar a história da África aos alunos brasileiros seria uma forma de vencer a estrutura eurocêntrica, característica da formação oferecida pelas instituições escolares brasileiras. (MATTOS, 2003, P.135)

## **METODOLOGIA ou MATERIAIS E MÉTODOS**

Para desenvolver uma reflexão sobre a importância do trabalho de histórias com protagonistas negros, foi realizado um estudo com o desenho metodológico que será apresentado em seguida.

Em primeiro lugar, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em autores que se dedicam a estudar questões relacionadas à relevância de apresentar histórias com crianças negras na escola brasileiras, principalmente nas séries iniciais.

Após este estudo teórico, buscou-se discutir a contribuição do docente ao apresentar histórias com personagens negros (rainhas/rei, belos, bem sucedidos) como forma de influência positiva aos seus alunos, principalmente os negros, camada que antes se via em posições inferiores quando apareciam nas histórias infantis.

Outro passo consiste na apresentação de alguns livros de histórias infantis afro, discutindo como essas obras podem influenciar os discentes.

Por fim, traçaram-se considerações sobre o trabalho pedagógico dos docentes e a sua possível contribuição no respeito às diversidades e no combate ao preconceito e às ações discriminatórias e excludentes que atuam sobre as escolas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É nas escolas que normalmente as crianças têm os primeiros contatos com situações de preconceitos, o que aumenta as dificuldades de se apresentarem como negra ou negro, pois essa identificação é carregada de estereótipos. É grande a precariedade de modelos satisfatórios e abundante a de estereótipos negativos sobre os negros, o que contribui para que as crianças negras neguem sua identidade racial e busquem cada vez mais aproximar-se das características que as aproximam do branco (CAVALLEIRO, 2000). Daí a importância de mostrar a esses alunos o lado da história que é esquecido pelas escolas por ainda seguirem modelos europeus.

Por desconhecimento e vergonha, muitas crianças negam sua cor e tentam se aproximar do que entendem ser o ideal, tanto que não é raro ouvir alunos negros justificando-se não serem pretos e sim marrom, moreninhos, mais claro ou até mesmo quase branco. Evidencia-se o branqueamento, a vontade de ser da cor que é apresentada como a bela e adequada. E essa posição também é observada em jovens e adultos que resistem em não se verem como negros, demonstrando uma resistência, um preconceito subentendido.

Por estas e muitas outras situações é que urge nas escolas discussões sobre preconceito, raça,

aceitação, valores, identidade, entre outras, como incentivo a uma cultura de reconhecimento. A escola precisa assumir seu papel na formação de cidadãos, interferindo de forma a participar da luta para vencer os preconceitos tão arraigados em toda a população. De outra forma, calando-se, aceita que o aluno branco se veja como superior ao aluno negro e favorece que a criança negra internalize ideias negativas sobre si mesma, causando efeitos maléficos na sua subjetividade e impactando diretamente a edificação da sua identidade.

O trabalho com as questões que valorizam a história e cultura dos africanos e afro-brasileiros é uma obrigatoriedade criada pela Lei 10639/03 e que segue as orientações do Estatuto da Igualdade Racial.

Planejamento de aulas contemplando conteúdos que visem ao resgate da cultura negra e valorização da autoestima dos alunos afrodescendentes pode ser o caminho para vencer diversos preconceitos e representações estereotipadas.

No entanto, não é assim tão comum no cotidiano o planejamento de aulas com preocupação com essas temáticas. Os livros que as escolas oferecem não priorizam esse tema. A exploração desses assuntos por vezes ocorre apenas em determinadas datas do ano letivo, com destaque para o dia da Consciência Negra. Esse pouco empenho com o estudo da temática talvez ocorra em decorrência da naturalização da ideia da supremacia europeia. Daí a importância de incentivo às práticas pedagógicas que visem permitir um resgate cultural e histórico dessa representativa camada da sociedade.

O trabalho com obras literárias infantis pode ser uma opção de apoio à prática do professor no que tange à ressignificação de estereótipos relacionados aos negros. Observa-se que nas mais recentes narrativas infantis os negros e negras já aparecem como protagonistas e há preocupação em mostrar características que evidenciam a beleza destes, contribuindo para o resgate da identidade desta parcela da sociedade, que enfrenta/enfrentou tantos preconceitos e desvalorização. Portanto o trabalho com uma literatura que favoreça esse tema é

favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (JOVINO, 2006, p. 216)

Na obra *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira (2013), o discente se envolve com a história de uma menina negra que se orgulhava de seus cabelos e não se importava com comentários negativos, ao contrário, ironizava-os. Uma literatura que favorece a estética negra mostra a beleza do cabelo afro natural e reforça a identidade da criança negra.

*Princesa Violeta* (2010), uma encantadora história contemporânea que mostra a força, beleza, talento da mulher negra e evidencia que para ser princesa não precisa ser branca. Essa obra rompe com o padrão que tanto entristece meninas negras, o de nunca se verem representadas como princesa. Pois nos contos tradicionais todas as princesas são brancas, loiras e com cabelos lisos.

*Dandara, Seus Cachos e Caracóis*, de Carla Pilla e Maira Suertegaray (2015) convida o leitor a conhecer seu passado. A protagonista, uma menina negra, descobre em seus cabelos uma herança da ancestralidade. O que pode instigar a curiosidade dos alunos em conhecerem seus ancestrais e conhecendo-os podem vir a se orgulhar de histórias de força que não imaginavam ter acontecido.

*Núbia, rumo ao Egito* (2009), de autoria de Maria Aparecida Silva Bento, narra a história de uma menina de 10 anos que vence uma competição escolar e ganha como prêmio uma viagem à África. Essa narrativa amplia de forma significativa e interessante os conhecimentos dos discentes sobre o continente Africano, a começar pelo nome da menina. Grande oportunidade para o docente mostrar o lado belo do Continente Africano.

Em *Cabelo Ruim?* A história de três meninas aprendendo a se aceitar (2007), a autora trabalha a aceitação de características da identidade negra. Apresenta três meninas que de início se achavam feias por causa de seus cabelos crespos mas, no decorrer da trama, compreendem que o que precisam não é mudar os cabelos e sim a forma de vê-los. Aceitação que pode levar os alunos à reflexão de que não precisam ser iguais a outros para serem belos. Grande contribuição para a formação do cidadão.

O professor precisa estar alerta para algumas histórias que apesar de apresentarem protagonistas negros precisam de certo cuidado ao serem apresentadas para os alunos para não incorrer em fortalecimento de estereótipos e ideias pré-estabelecidas. Por exemplo, a obra *Tenka, Preta, Pretinha*, de Lia Zatz (2007), apresenta uma menina infeliz por causa de seus cabelos crespos e acaba alisando-os e assim a garota fica feliz. Há nessa narrativa o risco de fortalecimento da tese de branqueamento que se concretiza quando “internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos”. (SILVA, 2005, p.23)

A obra *O menino marrom*, do autor Ziraldo (1986) também pode exemplificar a tese do branqueamento, pois o menino não se vê negro, portanto não entende porque o chamam assim, visto segundo ele, ser marrom.

Muitas outras obras podem ser elencadas, tais como *Menina bonita de laço de fita*, de autoria de Ana Maria Machado; *Que cor é a minha cor?*, de Martha Rodrigues; *As Tranças de Bintou*, de Sylviane Diouf; *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém; *A Menina e o Tambor*, de Mariângela Haddad, etc. Essas e outras literaturas referentes à temática, chegam às escolas por meio do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997, favorecendo às escolas públicas acesso às obras de literatura infanto-juvenil. Cabe então ao professor e a toda comunidade escolar o empenho e a boa vontade em realizar trabalhos com as referidas obras ou outras, de acordo com o acervo escolar.



Figura 1 – Exemplos de livros infantis de Literatura Afro brasileira

## CONCLUSÕES

Considerando a quantidade de literaturas publicadas no passado que evidenciavam a branquitude como a bela, a perfeita, a desejável, vê-se que houve uma crescente ampliação de histórias infantis com personagens negras e negros nas últimas décadas. Essas produções mostram uma alteração no paradigma das personagens infantis, apontam para uma mudança no perfil estético já tão difundido, com predominância do modelo eurocêntrico como o bom, belo, perfeito e desejável.

Ao trazer para as salas de aula histórias que retratam elementos da cultura africana e que valorizam a identidade negra, o docente está dando voz às crianças negras que durante tantos anos se viram obrigadas a ficar em silêncio diante da valorização da cultura europeia; é contribuir para que esses se vejam representados e cresçam com consciência de que não são inferiores, é participar de forma efetiva para a formação do cidadão.

O resgate da cultura africana e afro-brasileira, que se baseia em desmistificar o padrão antes difundido e defendido em histórias infantis, pode ser iniciado nos primeiros anos de escolaridade através do trabalho com apropriados livros de literatura infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Programa Nacional de Biblioteca na Escola**. Disponível em <http://www.mec.gov.br/> acessado em 20 de julho de 2017.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **A história africana e os elementos básicos para o seu ensino**. In. COSTA LIMA, Ivan e ROMÃO, Jeruse (org). **Negros e currículo**. Série Pensamento Negro em Educação nº. 2. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1997.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático**. In. MUNANGA, Kabengele. (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.